



# **29ª CONFERÊNCIA SANITÁRIA PAN-AMERICANA**

## **69ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL DA OMS PARA AS AMÉRICAS**

*Washington, D.C., EUA, 25 a 29 de setembro de 2017*

---

CSP29/DIV/8  
Original: inglês

**APRESENTAÇÃO DA SAÚDE NAS AMÉRICAS+ 2017  
DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PAN-AMERICANA**

**Dra. Carissa F. Etienne**  
**Diretora da Repartição Sanitária Pan-Americana**

---

**APRESENTAÇÃO DA SAÚDE NAS AMÉRICAS+ 2017  
DO DIRETOR DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PAN-AMERICANA**

**Dra. Carissa F. Etienne  
Diretora da Repartição Sanitária Pan-Americana**

**26 de setembro de 2017  
Washington, D.C.**

**29ª Conferência Sanitária Pan-Americana  
69ª Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas**

Exmo. Sr. Presidente da 29ª Conferência Sanitária Pan-Americana,  
Dr. Antonio Barrios, Ministro da Saúde de Paraguai,  
Exmos. Srs. Ministros e Secretários de Saúde dos Estados Membros da  
Organização Pan-Americana da Saúde  
Exmo. Sr. Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde,  
Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus,  
Ilustres delegados dos Estados Membros,  
Ilustres membros do corpo diplomático,  
Representantes das Organizações Não Governamentais que mantêm relações formais  
com a Organização Pan-Americana da Saúde,  
Representantes das Nações Unidas e outros organismos especializados,  
Colegas da OMS e da OPAS,  
Convidados de honra,  
Estimados senhores e senhoras:

Entre os deveres mais importantes da Repartição Sanitária Pan-Americana sempre se destacaram a coleta, a análise e o compartilhamento de informações em saúde.

De fato, coletar e compartilhar dados sobre as doenças infecciosas foi o mandato primordial da Repartição Internacional Sanitária quando foi criada, há 115 anos, pelos delegados de 11 repúblicas americanas reunidas no Washington Willard Hotel em 1902.

Há algumas décadas, a OPAS vem cumprindo esse mandato de diversas maneiras, inclusive produzindo, a cada cinco anos, um relatório chamado Saúde nas Américas, que já é considerado o carro-chefe entre as publicações da OPAS.

Hoje, tenho o dever e o prazer de apresentar a mais recente edição desse relatório. Mas a edição deste ano tem um título ligeiramente diferente: "Saúde nas Américas MAIS".

---

Esse “mais” sinaliza um ponto de inflexão em relação às edições anteriores. Como os seus antecessores, Saúde nas Américas deste ano continua a ser uma fonte de informação indispensável sobre a situação atual da saúde em nossa Região, com base nos dados coletados em colaboração com nossos Estados Membros.

Além disso, como nas últimas edições, o relatório deste ano analisa as tendências mais importantes na saúde na nossa Região e discute estratégias e ações necessárias para promover a saúde regional no futuro.

Mas **este** Saúde nas Américas é **mais** do que uma publicação. Nossa nova edição vem ao mundo por meio de uma plataforma virtual que faz mais do que qualquer publicação impressa poderia:

- Oferece um novo **espaço** para a análise, o monitoramento e a avaliação constantes das condições, dos determinantes e das tendências da saúde em nossa Região.
- É um **núcleo para o intercâmbio de conhecimento** que permite aos usuários analisar, monitorar e avaliar **por conta própria** o impacto das políticas e programas de saúde em curso.
- Facilita o **diálogo** ao promover e fortalecer a ação interprogramática e intersetorial.

Temos grande esperança de que nossos Estados Membros e todos os interessados na saúde pública em nossa Região descobrirão que esse novo produto é uma ferramenta essencial para coletar evidências e fazer análises para melhorar a tomada de decisões e a formulação de políticas rumo à concretização da saúde universal.

#### **Quais são as principais constatações desta última edição?**

Bem, os senhores têm em mãos um resumo impresso do relatório, mas convido a todos baixar o texto completo ampliado do relatório no respectivo website. Nesse meio-tempo, abordarei alguns dos destaques.

- Primeiro, algumas das boas notícias: a expectativa de vida média em nossa Região aumentou em 16 anos nos últimos 45 anos, chegando a aproximadamente 75 anos em 2010-2015, em comparação com apenas 59 anos na década de 1960.
- Hoje, 88% das pessoas nascidas na Região chegam aos 60 anos e destes, 42% delas ultrapassarão os 80 anos.
- A mortalidade infantil caiu 24% entre o início dos anos 2000 e 2015.

- A mortalidade materna também caiu, embora em apenas 15%, e isso continua a ser um grande desafio para todos nós. Não devemos esquecer que não conseguimos alcançar o ODM referente à mortalidade materna.
- O número de casos de malária caiu 62% entre 2000 e 2015, e o número de mortes causadas pela doença recuou 79%.
- O número de focos ativos da oncocercose (ou cegueira dos rios) diminuiu de 12 para apenas 1.
- Em 2015, o Comitê Internacional de Especialistas determinou que a Região havia interrompido a transmissão endêmica da rubéola.
- Em 2016, esse mesmo comitê declarou a Região das Américas livre da transmissão endêmica do sarampo.
- Entre 2005 e 2015, o número de mortes relacionadas com o HIV diminuiu 67%;
- Entre 2005 e 2010, a porcentagem de partos institucionais subiu de 91,3% para 95,6%.
- E entre 2005 e 2016, a proporção de gestantes que tiveram pelo menos quatro consultas de controle pré-natal aumentou 11%, passando para mais de 88%.

Naturalmente, o relatório também examina os grandes desafios para a saúde que nossa Região enfrentou nos últimos anos, com destaque para:

- Doenças emergentes e reemergentes, como a doença causada pelo vírus Zika, a dengue, a febre chikungunya, a febre amarela, o cólera e a doença causada pelo vírus Ebola;
- As doenças crônicas não transmissíveis, que continuam a representar a maior parte da carga da doença e mortalidade na nossa Região;
- A resistência aos antimicrobianos e as infecções associadas à atenção à saúde;
- A violência, os acidentes de trânsito, o alcoolismo e o uso abusivo das drogas, e os problemas de saúde mental, como a depressão e a demência.
- E dois dos desafios mais importantes e duradouros para a saúde nas Américas:
  - o desafio de fechar a agenda inconclusa para a mulher e a criança nas áreas da mortalidade materna, anemia, desnutrição crônica e desenvolvimento na infância.
  - E o desafio de fechar as persistentes brechas na equidade em saúde que impedem os grupos e pessoas vulneráveis de partilhar a totalidade plenamente o notável progresso feito pela nossa Região na área da saúde.

A edição deste ano de Saúde nas Américas também destaca a promessa de novos avanços na saúde em decorrência dos compromissos assumidos pelos nossos países com respeito à Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, sobretudo no tocante ao Objetivo 3. Além disso, delineia o caminho a ser trilhado — o que devemos fazer para concretizar inteiramente nossa visão regional da saúde universal.

Esse caminho abrange:

- Transformar nossos sistemas de saúde para superar a fragmentação e a segmentação, para que possam atender todas as pessoas — de todas as idades — de maneira equitativa, integral, eficaz e sustentável.
- Passar das ações reativas para as ações proativas na saúde pública e, ao mesmo tempo, promover intervenções com melhor relação custo benefício. Isso significa, por exemplo, usar a epidemiologia não apenas para avaliar as tendências, mas também como uma ferramenta preditiva para gerar “inteligência” epidemiológica.
- Envolver todos os setores por meio de um enfoque de “Saúde em Todas as Políticas”, para que aqueles do setor privado, do meio acadêmico e da sociedade civil se juntem a nós do setor público para fazer face aos fatores de risco e aos determinantes sociais, econômicos e ambientais da saúde.
- Instituir a saúde em todo o curso de vida como um aspecto integral dos sistemas de saúde.
- E, por último, mas não menos importante, aproveitar a era do conhecimento e os avanços no uso de dados maciços (os chamados Big Data) para gerar mais evidências sobre políticas sociais, tecnologias em saúde e tratamentos eficazes.

Para concluir, quero dizer que o aumento da **disponibilidade** e da **qualidade** das informações em saúde já não é opcional nesta era da informação e do conhecimento. De fato, deixar de enfrentar esse desafio seria descumprir de forma indesculpável nosso dever, pois está claro que temos a nosso alcance mais e melhores informações em saúde.

Espero que os senhores tirem partido dessa nova plataforma “Saúde nas Américas Mais” como uma ferramenta essencial para promover a informação e a análise em saúde como insumos cruciais, ou melhor, absolutamente indispensáveis para nossos esforços para fomentar a saúde para todos em nossa Região.

Muito obrigada.

- - -